

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ALAÍDE DAS GRAÇAS ANASTÁCIO

SENSIBILIZAÇÃO PARA O GOSTO LITERÁRIO: práticas, sujeitos e espaços de
formação

MARIANA-MG

2019

ALAÍDE DAS GRAÇAS ANASTÁCIO

SENSIBILIZAÇÃO PARA O GOSTO LITERÁRIO: práticas, sujeitos e espaços de
formação

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina EDU 381, sob responsabilidade do Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva, como exigência parcial para a obtenção do título de graduada em Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientação: Prof^a. Dr^a Rita Cristina Lima Lages

MARIANA-MG

2019

A534s

Anastácio, Alaíde.

Sensibilização para o gosto literário [manuscrito]: práticas, sujeitos e espaços de formação / Alaíde Anastácio. - 2019.

40f.:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Lages .

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de Educação.

1. Leitura. 2. Escola. 3. Família. I. Lages , Rita. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 37.016:028

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alaíde das Graças Anastácio

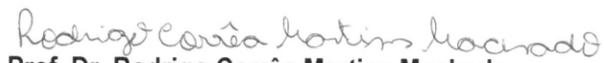
SENSIBILIZAÇÃO PARA O GOSTO LITERÁRIO: práticas, sujeitos e espaços de formação

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como requisito parcial à obtenção do título de graduação. Aprovado pela Comissão Examinadora abaixo assinada.



Prof. Dra. Rita Cristina Lima Lages

Departamento de Letras/UFOP - Orientadora



Prof. Dr. Rodrigo Corrêa Martins Machado

Departamento de Letras/ UFOP– Membro Avaliador

Prof. Dr. Marcelo Donizete da Silva

Departamento de Educação/ UFOP– Membro Avaliador

Dedico esta monografia, primeiramente, aos meus pais, por serem, desde o início da minha trajetória escolar, fonte de incentivo; e também exemplo de que para se conseguir algo é preciso dedicação e perseverança. Aos meus irmãos, familiares, as pessoas especiais que tenho junto de mim, por não medirem esforços diários e contribuírem para que eu me mantivesse firme até aqui e realizasse esse sonho. Aos meus avós maternos que apesar de não estarem presentes na vida terrena, foram e são de grande importância, jamais irei esquecer dos ensinamentos, que sem dúvidas contribuíram para essa conquista.

.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me conceder saúde e me fortificar durante a graduação, para que ao lidar com os obstáculos eu fosse sábia a fim de os transformar em experiências.

À Universidade Federal de Ouro Preto, ao seu corpo docente, à direção e à administração por juntos fazerem dessa instituição grande realizadora de sonhos e formadora de pessoas verdadeiramente humanas.

À orientadora, Rita Cristina Lima Lages, por ter me acolhido e reavivado em mim a perseverança, só tenho a agradecer pelo incentivo e empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

Ao professor Rodrigo Corrêa Martins Machado, por aceitar participar e contribuir para essa etapa tão importante como leitor crítico, tornando se parte essencial para a conclusão deste trabalho.

Aos meus pais e irmãos pelo incentivo e amor incondicional que me mantiveram firme até aqui.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo ao longo dessa jornada.

A quem se manteve compreensivo mesmo na minha ausência, por me dedicar tanto a essa graduação.

Agradeço também a todos que de alguma maneira contribuíram para minha formação.

Viajar pela leitura

Viajar pela leitura
sem rumo, sem intenção.
Só para viver a aventura
que é ter um livro nas mãos.
É uma pena que só saiba disso
quem gosta de ler.
Experimente!
Assim sem compromisso,
você vai me entender.
Mergulhe de cabeça
na imaginação!

Clarice Pacheco

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo compreender quais fatores interferem na formação do gosto literário das crianças, além de colocar em destaque estratégias de incentivo à leitura para a formação desse gosto. Reconhecendo, com esse movimento, a importância que a literatura tem na vida do sujeito, a partir da sua infância e ao longo da vida. Procuramos evidenciar que o percurso como leitor e as experiências com a literatura (dentro e fora da escola) interferem, significativamente, no gosto literário dos alunos. Desse modo, torna-se pertinente uma análise que exponha e especifique os fatores que influenciam na formação do gosto literário dos alunos. Nesse sentido, faz-se necessário problematizar a quem compete a missão de formar leitores, tendo em mente que a literatura não é algo parte do sujeito, de modo inerente, e que, portanto precisa ser-lhe apresentada com o objetivo de despertar o interesse para os textos literários. Com esse fim, o sujeito passará a desenvolver a prática de leitura de modo autônomo e terá, de fato, desenvolvido o gosto pela literatura.

Palavras-chave: Gosto literário, Formação do leitor, Escola, Família.

ABSTRACT

This monograph aims to understand which factors interfere in the literary taste formation of elementary students I, as well as to place from where the incentive to reading and the formation of literary taste must come from. Recognizing the importance that literature has on the subject's life since his childhood. Because the reader's journey and experiences with literature (inside and outside school) significantly interfere with the students' literary taste. Thus, it becomes pertinent an analysis that explains and points out the factors that influence the formation of students' literary taste. In this sense, to present to those who have the mission of forming readers, bearing in mind that literature is not something part of the subject and therefore it must be presented with the objective of arousing the subject's interest in literary texts, so that the same develops the practice of reading and has in fact formed the taste for literature.

Keywords: Literary taste, reader's formation, School, Family

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 JUSTIFICATIVA E EMBASAMENTO TEÓRICO SOBRE CONSTRUÇÃO DO GOSTO LITERÁRIO.....	14
2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	18
2.1 A IMPORTANCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO.....	19
2.2 PRÁTICAS, SUJEITOS E ESPAÇOS DE FORMAÇÃO LITERÁRIA.....	25
2.2.1 A escola como <i>locus</i> de formação do gosto.....	25
2.2.2 O professor como mediador.....	29
2.2.3 A família e os pais como exemplo e referência.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	38

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como tema a formação do gosto literário e se propõe a analisar a importância da formação desse gosto desde os primeiros momentos da infância até os anos iniciais do Ensino Fundamental I. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, baseada, metodologicamente, em uma revisão bibliográfica de trabalhos científicos que se dedicaram à temática. Para isso, utilizamos as bases Scielo, o Google Acadêmico e os bancos de teses e dissertações, *online*, de universidades brasileiras. Tomamos os trabalhos publicados entre os anos de 2007 a 2018.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, partimos do pressuposto de que a eleição dos trabalhos se daria no sentido de que esses dessem conta de responder à questão central aqui colocada, qual seja: como se forma o gosto literário do sujeito, desde os primeiros momentos da infância até os anos iniciais do Ensino Fundamental I. Destacamos, por meio de tal questão, o papel da família e da escola no processo de incentivo à leitura literária e, por aí, na formação do gosto literário.

Meu interesse pela temática deu-se, particularmente, por determinações pessoais relacionadas à minha formação escolar. Preocupava-me a falta de familiaridade com a leitura literária e instigava-me a necessidade de conhecer e integrar a esfera da leitura, especialmente em razão de minha futura atuação como docente e educadora e, mais exatamente, como mediadora de leitura e como agente de alfabetização e letramento.

Motivo-me igualmente pela temática quando considero meu futuro ofício de formar leitores, na qualidade de professora, visto que tenho consciência da importância de ser leitor e o quanto me faz falta hoje não ter sido uma leitora literária desde a infância. Nesse sentido, partindo de minhas experiências pessoais, o meu propósito é que meus futuros alunos não passem pelas mesmas experiências improdutivas e negativas com o texto literário e que desconheçam o universo simbólico, e da fabulação, que se abre a partir das práticas da leitura literária.

Por meio dos trabalhos científicos a serem aqui explorados, nota-se que o percurso como leitor e as experiências com a literatura (dentro e fora da escola) interferem, significativamente, no gosto literário dos alunos. Desse modo, torna-se pertinente uma análise que explicita e problematize os fatores que influenciam na

formação do gosto literário dos alunos. Nesse sentido, pesquisar o papel da formação do gosto literário desde a infância será de grande importância para entender de onde vem a motivação daqueles que já possuem o gosto literário, como se desenvolve esse gosto e os motivos pelos quais importa pertencer ou não à esfera leitora.

Minha relação com a leitura na escola foi marcada pelo ato de ler por obrigação, apenas para atender as atividades avaliativas e, além disso, com leituras, na maioria das vezes, apresentadas por meio dos livros didáticos. A partir desse exemplo, avalio que minha experiência foi negativa com a escolarização inadequada da literatura infantil e juvenil, considerando que a escola se apropriou da literatura a fim de atender aos fins formadores e educativos alheios aos desejos da experiência estética com a literatura, como afirma (SOARES, 2011, p.47). Para Soares (2011, p.25), uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura se definem da seguinte maneira:

[...] escolarização adequada da literatura – aquela que conduza mais eficazmente as práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e as atitudes de valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler (SOARES, 2011, p. 25).

Minha experiência com a leitura fora do contexto avaliativo e de formação escolar foi uma descoberta descortinada apenas no ensino médio, ocasião em que me mudei para uma região urbana e, com isso, uma mudança de escola. Passei a observar que os colegas liam livros independente das exigências escolares e das avaliações. Fiquei por muito tempo sem saber que ler poderia ser prazeroso e que ler não era algo praticado somente quando exigido, mas também como uma espécie de lazer e prazer. O que vim a saber, já na graduação, que trata-se de uma fruição literária, do gosto do texto. Esse tal prazer pela leitura eu só descobri a partir das aulas das disciplinas de Metodologia de Língua Portuguesa, nas quais as professoras apresentavam de forma atraente e motivadora o ato de ler. Sobre isso, encontro explicações em Magda Soares (2011, p.24), quando a autora afirma que:

Em primeiro lugar, a leitura é determinada e orientada, como já foi dito, por professores, em geral os de Português, portanto, configura-se como tarefa ou dever escolar, sejam quais forem as estratégias

para mascarar esse caráter de tarefa ou dever-- jamais a leitura de livros no contexto escolar, seja o livro a ser lido indicado pelo professor ou escolhido pelo aluno, já mais ela será aquele “ler para ler” que caracteriza essencialmente a leitura por lazer, por prazer, que se faz fora das paredes da escola, se se quer fazer e *quando* se quer fazer.(SOARES, 2011, p. 24)

Diante do acima exposto, compreende-se que a leitura por prazer se constrói a partir de leituras realizadas “fora das paredes da escola,” quando manifestamos, de modo autônomo, o desejo pelo texto literário. Assim, comecei a pensar sobre a constituição do gosto pela leitura literária: de onde ele vem, quando ele se instala? Todas as pessoas podem usufruir desse gosto? Quais foram os motivos que me afastaram desse universo? Serão eles intrínsecos ou extrínsecos a mim? Será que não desenvolvi o gosto pela leitura por não possuir estímulo desde a infância? Quais impactos a falta de hábito de leitura pode trazer para a vida do indivíduo? Como o perfil leitor do educador interferirá em sua atuação pedagógica? Essas e outras questões, mais uma vez, ilustram como estou implicada, pessoal e profissionalmente nesse trabalho e na escolha da temática.

Frente, pois, às inquietações referentes à leitura por prazer e lazer, essa para a qual ainda me sensibilizo, evidenciaram-se algumas hipóteses relacionadas às variáveis que influenciariam na qualidade da relação do sujeito com a literatura; hipóteses que esta pesquisa procurará responder por meio da revisão da literatura:

As metodologias de ensino de literatura tradicionalmente aplicadas nas escolas podem gerar aversão ao texto literário? O incentivo e o exemplo da família e da escola podem influenciar no gosto pela leitura de maneiras diferentes? Em que medida o sujeito que recebeu estímulo para a leitura, desde a infância, poderá ser mais afeito à leitura literária? O perfil socioeconômico das famílias e o nível de letramento dos pais influenciam na formação do gosto literário desde a infância? São estão, pois, as problematizações centrais apresentadas por este trabalho.

1 JUSTIFICATIVA E EMBASAMENTO TEÓRICO SOBRE CONSTRUÇÃO DO GOSTO LITERÁRIO

O ato de ler literatura pode ser entendido como um ato que aciona e constrói mundos, desejos e sensibilidades. Deve-se partir do pressuposto de que não nascemos leitores de literatura; sequer nascemos leitores do mundo, pois precisamos ser educados para ler os livros e demais práticas da escrita que circulam nos meios sociais. Essa educação – familiar *a priori* e escolar *a posteriori*, não se constrói um processo voluntário, natural, um processo fácil e facilitador. Nós nos formamos leitores, se formos adequadamente provocados para isso. (PINA, 2009, p.186)

Diante do acima exposto, pode-se depreender que a aquisição do gosto não é inerente, visto que requer um processo de aprendizagem e formação, que não é simples nem rápido, necessitando, pois, da mobilização de outros sujeitos e espaços (família, escola, sociedade) para que seja construído. E como afirma Pina (2009), formar leitor vai além de se ensinar a ler livros, considerando que, para isso, fazem-se necessários estímulo e provocação do gosto. Nesse sentido, a maneira como que se apresenta e é mediada a prática de leitura pode ter grande influência na formação do leitor, seja atraindo-o ou distanciando-o:

A partir dessas considerações, é possível afirmar que a literatura infantil contribui para a formação do leitor literário quando a obra literária propõe indagações ao leitor, estimulando a curiosidade e instigando a produção de novos conhecimentos. Para isso, é preciso que o livro infantil seja agradável aos olhos e possua um texto encantador, estimulando o imaginário infantil. (SANTOS E PAIVA, s/d, p.2)

Frente às reflexões acima, torna-se pertinente salientar que a questão do gosto – instância central deste trabalho – vincula-se à satisfação e ao prazer a partir da prática leitura. Além disso, que o ato de ler pode nos trazer muito mais do que informações, uma vez que existe algo mais profundo que a literatura tem a nos oferecer, tendo em conta, obviamente, que faz-se necessário construir o prazer e o gosto pela leitura. Nesse contexto, Magnani (2001) afirma que:

[...] pode-se *aprender a ler* e a gostar de ler textos de qualidade literária e pode-se *formar* o gosto. E mais: a passagem da quantidade para a qualidade de leitura (e vice-versa) não se dá num passe de mágica, mas pressupõe um processo de aprendizagem. (MAGNANI, 2001, p. 138)

A partir de tais reflexões, podemos concluir que a literatura deve ser trabalhada frequentemente com os alunos de forma prazerosa, de maneira que se sintam atraídos pela ato de ler: com vistas à “proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão.” (PEREIRA, 2003, p.2). Assim, o gosto literário pode ser entendido como algo que construímos a partir das relações que nos fazem bem, que nos remetem às sensações de prazer. Desse modo, passamos a gostar do que nos instiga, nos atrai e nos faz bem. Nesse processo, o professor deve agir seguindo alguns princípios da boa prática para a formação do gosto, sendo aquele que:

[...]incentiva a leitura de forma dialógica e expondo aos alunos que um texto jamais deve ser visto como um amontoado de palavras, mas sim, que cada produção textual carrega um objetivo que motivou a sua escrita. Por isso, é importante que o professor não leia o texto que está sendo trabalhado de forma desordenada, mas que abra a possibilidade dos alunos constituírem-se como leitores mais autônomos e que percebem o texto literário como uma produção repleta de significados. (JERÔNIMO E DUARTE, s/d, p.4)

Nessa perspectiva, o leitor deve conhecer e ter uma boa aproximação da obra a ser lida, para que se crie um vínculo inicial e, a partir daí, sintam-se instigado a lê-la. Além disso, que reconheça, a partir dessa leitura, as emoções e sensibilidades que o escritor quis dividir ao produzir tal obra literária. Para tanto, faz-se necessário afirmar que “desenvolver o hábito da leitura é um desafio a ser enfrentado.” Não se tratando de algo impossível: “[...] se alunos, professores e pais trabalharem essa importância será mais fácil para que as crianças pratiquem com amor e gosto essa leitura.” (SANTOS p.6). Procuramos, por meio deste trabalho, portanto, esclarecer a quem compete o papel central na formação do leitor literário: quais são os sujeitos, práticas e espaços dessa formação.

Importante destacar também os sentimentos experimentados pelas ao estabelecerem contato com o texto literário. Sobre esse quadro, Oliveira e Bortolaci (2017, P.103) afirmam que “a compreensão e a percepção do implícito estão no centro do prazer de ler”. Além disso, quando a criança não entende o que lê, devido ao contato limitado com as diversas práticas culturais da leitura, ela acaba por se

sentir excluída daquele meio. Por essa razão, cabe ao professor mediador, portanto, proporcionar aos alunos intervenções que permitam o entendimento da leitura, de modo de que essas sejam repletas de sentido para os leitores.

Cabe destacar, a partir das análises acima, que as crianças devem se sentir à vontade para expressar seus sentimentos diante do texto, de forma que compreenda-o como algo maleável; que há abertura para se gostar ou não do que se lê e, nesse sentido, podem vir a ter adesão ou distanciamento pelo texto em questão. Segundo Oliveira e Bortolaci (2017), os alunos podem ter *adesão* ao texto literário quando conseguem interagir com o texto e tirar dele algo significativo para sua vida, segundo argumentam,

[...] o leitor abre mão de sua própria identidade, adentrando assim no universo da literatura, pode ser chamada de ilusão referencial. Essa ilusão garante ao leitor o direito de se indignar, de se emocionar, de sentir medo, chorar ou rir ao ler uma narrativa, uma poesia, um conto. O que se passa durante a leitura é uma fusão entre o universo da ficção e o universo do leitor e podemos identificar nesse movimento a origem da formação de um leitor literário. (OLIVEIRA e BORTOLACI, 2017, p. 102).

Compreende-se, portanto, que a formação do gosto pela leitura literária está atrelado à relação estabelecida pelo leitor, às vivências no seu cotidiano e aquelas adquiridas a partir da leitura em que a criança estabelece relações entre a literatura e o mundo em que vive. Oposto ao sentimento de *adesão* ocorre também o *distanciamento*, conforme analisam as autoras. Esse acontece quando o leitor encontra aspectos no texto que não lhe desperta interesse ou quando suas expectativas não são alcançadas. As autoras ponderam, no entanto que o distanciamento ao texto literário também se torna importante e necessário quando:

[...] O próprio texto aponta para a necessidade do distanciamento, quando indica explícita ou implicitamente que o que se passa na ficção não é a realidade. O distanciamento leva à possibilidade de construirmos nossas posições perante o mundo. Ao nos permitir que vejamos o outro, o diferente, e que conheçamos o mundo em sua diversidade, uma diversidade que nos interroga, a literatura nos leva a questionar nossas reações e nossas tomadas de posição[...]. (OLIVEIRA e BORTOLACI, 2017) p. 102

Assim, com a prática da leitura, as crianças desenvolvem a criticidade, podendo discordar do que se lê, estabelecendo experiências com a leitura que podem levar ao desenvolvimento do seu direito de ser favorável ou contrário para

com as situações presenciadas em seu cotidiano. Por esse viés, compreende-se que, os textos literários permitem que a criança se descubra através dos sentimentos de *adesão* ou *distanciamento* a partir do que a leitura lhe transmite, podendo estabelecer relações do que se lê com o que se vive.

Oliveira e Bortolaci (2017), já mencionadas, dedicam sua pesquisa à temática da construção do gosto por meio da formação de leitores no Ensino Fundamental I. Segundo seus estudos, tal construção também está atrelada a mecanismos que possibilitem práticas que possam levar os alunos a frequentarem a biblioteca, pois as mesmas proporcionam “um ambiente historicamente criado para o desenvolvimento de práticas de leitura, com convenções e mecanismos próprios a serem apreendidos pelos leitores em formação desde o início de sua vida escolar.” (OLIVEIRA e BORTOLACI, 2017, p.104). Desse modo, cabe à escola proporcionar atividades que despertem interesse dos alunos para que se tornem indivíduos ativos na biblioteca.

Outro mecanismo de leitura bastante importante para a formação do leitor iniciante, pesquisado pelas autoras, é a comunidade de leitores. Investigaram, para evidenciar esse aspecto, a formação de uma comunidade de leitores mediada por círculos de leitura. Segundo orientam, a atividade tem “[...] como objetivo pensar a formação do leitor por meio do contato direto e prazeroso com textos literários e poéticos em um grupo menor de crianças, cujas habilidades de leitura sejam próximas.” (OLIVEIRA e BORTOLACI, 2017, p.107). Esse tipo de metodologia é desenvolvida a fim de que o aluno perceba que há, além dele, outros colegas que também possuem dificuldades similares à sua. Para tanto, torna-se importante o aluno perceber que, naquele grupo, suas habilidades são relevantes e que, além disso, ele também tem suas capacidades e potencialidades de leitura reconhecidas. Por ele e reiteradas pelo grupo.

A partir de tal reflexão, pode-se depreender que abordagens e metodologias lúdicas de práticas de leitura, mediadas por professores, são importantes na construção do gosto. Destacam-se como práticas: a hora do conto, feira literária, exibição de filmes, oficinas de leitura, roda de história, a dramatização de um conto, encontro com escritores, lançamento de livros, banca de troca-troca de gibis, murais e exposições de produções de alunos”, dentre outros. Essas são atividades que permitem o despertar do prazer na leitura, além de ampliar seu conhecimento de mundo por meio da diversidade de textos. (COSSON, 2015, p.6).

Esses mecanismos de leitura são importantes para que a criança se sinta naturalmente envolvida pelo texto literário por meio de atividades através das quais elas possam aprender enquanto brincam.

Contudo, mostra-se importante ressaltar que o estímulo à leitura somente na infância não é garantia da continuidade dessa prática na vida leitora. Cosson enfatiza que “os dados mostram que o simples fato de se ter despertado o gosto pela leitura nas séries iniciais, contando-se com leitores assíduos e motivados na infância, não tem sido suficiente para garantir a estabilidade desse comportamento em fases posteriores da escolarização” (COSSON, 2015, p.5). Esse pesquisador coloca ainda em evidência que se deve buscar um meio para que esses alunos continuem leitores, sugerindo a continuidade da literatura ilustrada durante todo ensino fundamental, pois, para ele, quando se tiram os textos ilustrados dos alunos – por estarem alcançando uma nova trajetória –, a literatura tende a deixar de despertar-lhes o interesse. Daí, a importância de se conhecer o gosto literário desses alunos, de modo que se possa continuar alimentando seu interesse pela leitura ao longo da escolarização; e ao longo de sua vida como leitor autônomo.

2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

2.1 A IMPORTANCIA DA LITERATURA NA FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Como já mencionado, a leitura literária não é algo inerente ao indivíduo, como prática dada e voluntária, e, nesse sentido, faz-se necessária a criação do hábito a partir da experiência com o texto literário. A experiência com a literatura é analisada, no ponto de visto do autor Antônio Cândido, como um direito: o direito à literatura. Sob pena, caso esse direito não seja concedido ao sujeito, de ter uma experiência de vida mutilada. Candido se refere à literatura como um direito humano, e a experiência literária como fator de humanização, na perspectiva de construção de uma sociedade melhor. O que o autor analisa em duas instâncias, a saber:

[...]Primeiro[...]a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2004, p.186)

Por esse viés, a literatura tende a humanizar as pessoas, desenvolvendo um pensamento crítico, ao possibilitar que o indivíduo queira construir para si e para o outro, um mundo melhor. Ou seja, quando ela permite, por meio da fabulação, que o sujeito veja o mundo como é e como poderia ser, esse sujeito, como também autor de sua vida, pode se constituir, como fator de transformação social.

Ainda na instância da leitura como fator de transformação, e mais exatamente, como entendimento de mundo, Paulo Freire (1989) discute esse processo em “A importância do ato de ler”, a partir da leitura que o sujeito tem do mundo. Do mundo em sua infância, do mundo a partir do convívio com os mais velhos e depois do mundo a partir da leitura da “palavra”, materializando-se a cultura, o conhecimento e, por conseguinte, o desenvolvimento humano:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989).

A partir do que nos diz Freire, podemos concluir que há um claro diálogo com as acepções de Candido sobre o que vem a ser o caráter humanizador da literatura. Sobretudo aquilo que se destaca sobre o poder das palavras. Sobre o poder das palavras e as relações que o indivíduo estabelece com elas e, a partir delas, com o próximo. É nesse sentido que Cândido nos esclarece, mais uma vez, sobre a função da literatura:

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente (CANDIDO.2004, p. 176).

A partir das considerações de Candido e Freire, sobre os alcances da leitura, podemos perceber que o texto literário tem papel fundamental na vida do sujeito, dado que humaniza e constrói, através da leitura, a autonomia. Constrói autonomia ao permitir ao indivíduo: expressar suas emoções; ir além do seu contexto pela visão de mundo adquirida; construir conhecimentos e espírito crítico através das fantasias (fabulações) experimentadas por meio dos textos literários, quando sai do mundo como é e fabula o mundo como poderia ser.

Tendo, pois, problematizada e analisada a importância da literatura na vida do sujeito, voltamo-nos agora para a importância de sua prática desde a infância. Mostra-se pertinente colocar em evidência os grandes ganhos que a literatura tem a oferecer para as crianças, segundo nos ensinam Souza et AL (2018).

A literatura é essencial para a formação social do aluno, visto que nela está cultura, contada de uma forma lúdica, que possibilita o indivíduo solucionar questão do seu cotidiano. Com histórias literárias as crianças adquirem conhecimento sem sequer notar que estão aprendendo. (SOUZA, SANTOS e FERREIRA, 2018, p.2)

De acordo com a reflexão acima, a literatura não está pautada somente no crescimento individual da pessoa, mas também sua formação social e cultural. O que vai, mais uma vez, ao encontro das afirmações de Antonio Cândido e Paulo Freire sobre o caráter humanizador da leitura e da leitura literária. A partir dos textos literários a criança estabelece relação com o cotidiano e com o mundo da fabulação. A literatura tende a preparar o indivíduo não somente para a vida escolar, mas também para suas relações sociais ao longo da vida. Daí, grande a importância de se oferecer textos e prática literárias que proporcionem aos alunos uma verdadeira experiência com a literatura. Experiência no sentido de que sejam “afetados” por essa prática e que, a partir disso, estabeleçam uma relação de gosto e prazer.

Nesse mesmo viés, Pereira (2003) traz a função do livro como um dos principais meios de se levar os textos literários até as pessoas: “O uso do livro em sala de aula, atualmente, tem o objetivo de formar cidadãos críticos e reflexivos, que possam transformar a realidade em que vivem.” (PEREIRA, 2003, p.2). A partir de então, compreende-se que ler vai além do princípio de ler as palavras escritas voltadas para as vivências diárias. Como afirma a autora, ler vai muito além, fazendo com que o indivíduo se torne crítico, capaz de questionar e refletir sobre o seu cotidiano, através de conhecimentos de mundo proporcionados pela leitura.

A partir dessas considerações, é possível afirmar que a literatura infantil contribui para a formação do leitor literário quando a obra literária propõe indagações ao leitor, estimulando a curiosidade e instigando a produção de novos conhecimentos. Para isso, é preciso que o livro infantil seja agradável aos olhos e possua um texto encantador, estimulando o imaginário infantil. (SANTOS E PAIVA, s/d, p.2)

Permanecendo ainda na análise sobre a importância a literatura para a formação do sujeito, voltamo-nos agora para as estratégias de leitura nos anos iniciais do ensino fundamental e como elas estão implicadas nesse processo. Em um artigo de título: Importância das estratégias de leitura nos anos iniciais, Soares (2013) tem como objetivo discorrer sobre a relevância da literatura para a construção da vida em sociedade. Para a autora, “o significado que a leitura representa na sociedade é a de que ela seja detentora de grande poder a ser depositado nas mãos daqueles que se apropriam dela adequadamente” e, nesse sentido, a mesma deve ser bem praticada desde os anos iniciais, de modo a desenvolver o “interesse da leitura aliando-a ao prazer”. (SOARES, 2013, p.8). Conforme Soares, quando a

criança está aprendendo a ler é nítido que ela se sente desafiada a ler todos tipos de texto, pois tudo é novidade. O professor deve aproveitar, portanto, esse interesse não só para fins de aquisição da leitura, mas para que a criança tenha uma experiência positiva e prazerosa com os textos. Trata-se de um profícuo momento para a sensibilização para a leitura de textos literários que provoque um encantamento, que seja uma novidade, que promova a experiência da fabulação. Ou seja, que desde os primeiros contatos, a relação com os textos seja boa e proveitosa para a criança.

Dando sequência ao que foi acima problematizado, faz-se muito importante para o aluno a convivência com os mais variados gêneros textuais, pois cada um revelará ao leitor uma faceta diferente da relação texto-mundo. Entretanto, para o aluno das séries iniciais é a leitura do texto literário a que deve predominar sobre as demais, por ser esse o texto que maiores afinidades tem com o leitor infantil, por ser um texto que envolve o leitor por inteiro, apelando para as suas emoções, a sua fantasia, o seu intelecto, e por apresentar o mundo a partir de uma perspectiva lúdico-estética, aspecto esse que não se pode desconsiderar, principalmente se tratando de leitor criança (FRANTZ, 2011, p. 33 Apud SOUZA; SANTOS; FERREIRA; 2018, p.3.).

Posto isso, podemos consolidar que os melhores texto para as crianças são os textos literários, pois os mesmos estabelecem linguagem proporcional à fase da criança, têm o poder de levar um conhecimento complexo de forma simples e claro, por atingir as crianças de forma lúdica, podendo adentrar no seu mundo através da ficção, mas com objetivos voltados para a vida cotidiana. Além disso, o texto literário exerce forte relação com o aprendizado da criança na escola, auxiliando-a na construção do conhecimento, levando em conta que:

As dificuldades de ler, escrever, interpretar e falar, que muitos alunos possuem dá-se, em muitos casos, pela falta de prática da leitura que deveria e deve ser constante desde os anos iniciais da criança, para que ela possa despertar desde cedo o gosto pela leitura. Alunos que possuem uma prática de leitura frequente apresentam um melhor desempenho em relação aos que não possuem, e, como estamos falando de anos iniciais da educação compreende-se que os textos literários são fundamentais para a aproximação do aluno com o mundo da leitura, é onde se inicia esse processo. (SOUZA; SANTOS; FERREIRA, 2018, p.6)

Seguindo esse horizonte, podemos entender que, além de ajudar a criança a desenvolver competências importantes para sua alfabetização, a prática de leitura deve se tornar permanente desde a infância, para que a criança possa avivar o gosto pela leitura desde sempre. Outro aspecto muito importante é o valor que a prática de leitura tem no que diz respeito ao maior desempenho no processo de aquisição da leitura e da escrita, quando se compara àqueles que não possuem essa experiência, segundo nos orientam (Santos, 2017)

Ler se tornou muito mais do que ler um livro um artigo uma revista e gibis. Tornou-se uma necessidade para se participar da vida social. As pessoas precisam da leitura em tudo o que fazem e ainda pode ser uma atividade de prazer e poder. É com ela que enriquecemos ideias e experiências. Cada leitor, ao fazer uma leitura, tem contato direto com o texto, trazendo para o seu objeto de leitura as suas experiências pessoais, seus conceitos e é isso que faz o ato de ler tão importante. (SANTOS, 2017, p.5)

Assim, o contato com a leitura possibilita ao aluno ir além do que se aprende em sala de aula, uma vez que ler permite ampliar seu vocabulário, ajuda a escrever melhor, uma vez que proporciona o contato com a escrita formal. Permite que o aluno amplie seu conhecimento de mundo e tenha acesso à diferentes formas de cultura: escrita e outras. O que coloca a escola como principal espaço para essa construção, visto que, para grande parte das crianças que frequentam a escola pública, sobretudo nos anos iniciais, a relação com a família permite pouco ou quase nenhuma oportunidade para as práticas de leitura.

Ao refletir sobre os ganhos que a literatura tem a oferecer para as crianças, (SOUZA, SANTOS E FERREIRA, 2018, p.3) afirmam que, “[...] a leitura então é algo crucial para a vida do ser humano em sociedade, já que, muitas atividades desenvolvidas em seu cotidiano dependem dela”. Além de destacar a literatura como instância que fornece as melhores condições para que o indivíduo viva em sociedade de modo mais harmônico, os autores ainda afirmam que “[...] quem possui o hábito da leitura de forma crítica, certamente saberá resolver seus problemas, e colocar em prática todo conhecimento adquirido através de textos.” E que a literatura ainda tem o poder de garantir autonomia aos seus praticantes, de modo que, “[...] entende-se que a partir do momento em que o aluno aprende de fato a ler, e possui um entusiasmo para isso, o mesmo torna-se um ser autônomo em

seu processo de conhecimento e na vida como um todo”. (SOUZA, SANTOS E FERREIRA, 2018, p.3)

Fechamos esse tópico sobre a importância da literatura na formação do sujeito e como isso implica na construção de uma sociedade maior, amparando-nos nas considerações de Mortati Magnani (2001), reafirmando nossas considerações sobre a formação do gosto literário. Mortati Magnani afirma que boa parte da responsabilidade de formar leitores encontra-se no mediador de leitura (professor) que, muitas vezes, não se sente preparado para despertar o gosto pela leitura nos alunos, considerando seu próprio desconhecimento dos textos literários. Além disso, a autora avalia que a escola coloca a literatura de forma paralela às atividades avaliativas, muitas vezes, pouco atrativas para os alunos. Diante de tal ponderação, mostra-se pertinente problematizar quais seriam os principais sujeitos, instituições e espaços responsáveis pela sensibilização e formação literária das crianças: família, pais, escola, professores etc. Abordaremos essa questão de modo mais recortado no tópico que se segue.

2.2 PRÁTICAS, SUJEITOS E ESPAÇOS DE FORMAÇÃO LITERÁRIA

2.2.1 A escola como *locus* de formação do gosto

Oliveira e Bortolaci (2017) – autores já citados por este trabalho, com seu estudo *A literatura e a formação de leitores nos anos iniciais do ensino fundamental I* – afirmam que “a leitura não é algo “natural” do ser humano”, mas, algo para se construir, formar e, nesse sentido, cabe principalmente à escola, como instituição formal de ensino, o desenvolvimento estratégias para que o alunos possam adquirir a pratica de leitura literária. (OLIVEIRA e BORTOLACI, 2017, p.100). Essa questão de desnaturalizar o gosto literário, como algo dado, já pertencente ao indivíduo, já foi discutida nos tópicos anteriores deste estudo. Retomaremos aqui para pensar de modo mais detido sobre os espaços e sujeitos mais implicados nessa tarefa.

Para Gonçalves (2016), a escola possui privilégio no que diz respeito às práticas de leitura, pois é nela que muitas crianças estabelecem seu primeiro contato com os livros. Dessa maneira, “evidencia-se a necessidade de se trabalhar de forma produtiva a literatura na educação, para que a mesma favoreça no desenvolvimento das crianças e não sirva apenas como um mero instrumento de outras disciplinas.” (GONÇALVES, 2016, p. 4).

Sobre a escola como espaço privilegiado para prática e construção dos hábitos de leitura, Pereira (2003), aproxima-se das perspectivas de Gonçalves (2016) quando diz das possibilidades que esse espaço, a escola, pode oferecer ao indivíduo:

A escola é o espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegia-se a leitura, pois de maneira mais abrangente, ela estimula o exercício da mente. A percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamização do estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente. (PEREIRA, 2003, p.2)

A partir dos horizontes de formação para a leitura, apontados por Pereira (2003) e Gonçalves (2016), temos uma medida do peso e valor da leitura na vida do indivíduo, e da enorme responsabilidade das quais as escolas são imbuídas no que

diz respeito ao contato da criança – muitas vezes, o primeiro – com o texto literário, a partir das práticas de leitura vivenciadas nos espaços escolares. Tendo, portanto, a escola como principal meio de acesso a textos literários, os autores em questão chamam a atenção para as abordagens muitas vezes equivocadas das práticas literárias nas escolas. Que, em sua maior parte, estão longe de ser práticas literárias propriamente ditas, com a literatura, conforme apresentada nos livros didáticos, prestando serviço às aprendizagens específicas, não relacionadas com a promoção do prazer pela leitura literária, à fruição estética do texto.

No que diz respeito a muitos livros didáticos, Gonçalves (2016) faz uma crítica por estes trazerem os textos literários de maneira segmentada e por deixarem de apresentar gêneros literários diversificados. Diante disso, o autor afirma que “torna-se necessário que os escritores se tornem mais conscientes para que cheguem no ambiente escolar formas de leitura que chamem a atenção e estimule o gosto literário das crianças, dando assim sentido e prazer a essa prática.” (GONÇALVES, 2016, p. 5). Para a autora, a maneira como os textos literários são apresentados aos alunos, por meio dos livros didáticos, são falhas, visto que contêm partes fragmentadas dos textos, além de não trazerem atividades que levem os alunos a conhecer o gênero literário como realmente é. Logo, as obras literárias deveriam ser colocadas nos livros didáticos como verdadeiramente são. (GONÇALVES, 2016, p. 5). Sobre a importância de se apresentar os gêneros em sua unidade, a autora acrescenta que “[...] cada obra literária tem sua característica que é própria dela, [...] não deve ser transformada ou fragmentada, e sim deve ser mantida sua estrutura fundamental que a torna como um gênero literário completo sem tais modificações [...]” (GONÇALVES, 2016, p. 6).

Os livros didáticos existem na tentativa de reunir todos os conteúdos que os alunos necessitam aprender, mas sabemos, segundo a autora, que nessa tentativa os escritores tendem a diminuir os conteúdos literários somente para que os alunos leiam fragmentos e interpretem o que se pretende daquela obra literária, sem estabelecer um contato direto com esse texto em sua totalidade. Dessa maneira, o aluno não lê a obra de fato e acaba chegando a interpretações que os gabaritos dos livros lhes apresentam de antemão. O que não, deve, no entanto, destituir o lugar importante que esses livros ocupam na escola, segundo ponderam Santos e Paiva (s/d):

É incontestável afirmar que os livros de literatura infantil, no espaço escolar, concedem à criança o acesso ao saber, pois a leitura proporciona a integração do aluno ao universo letrado. Por esse motivo, os educadores que desenvolvem atividades com a leitura literária em sala de aula precisam estar conscientes de sua responsabilidade na formação de leitores literários, pois a partir de como foi efetivada sua prática pedagógica, a aprendizagem do aluno como leitor literário pode ser bem ou malsucedida. (SANTOS e PAIVA, s/d p.6)

Ainda sobre os livros didáticos, cabe colocar que mesmo não sendo de conteúdo totalmente louvável, no que diz respeito às práticas ideais de leitura literária, o livro didático se constitui um importante multimeio nas salas de aula, visto que auxilia os professores a organizar suas rotinas. Considerando sua obrigatoriedade em muitas escolas, os professores tendem a ficar presos ao conteúdo conforme disposto, não exercitando uma melhor abordagem das práticas de leitura literária em sala. Deve-se, portanto, levar em conta que o uso do livro didático pode ser obrigatório, mas que não deve ser o único recurso de leitura utilizado pelo professor.

Tendo, a partir de todo exposto, a consciência de que os textos literários devem ser apresentados de maneira cativante às crianças, de modo a sensibilizá-las para uma leitura voluntária e autônoma, encontramos-nos diante da necessidade de que a formação do leitor na escola passe “pela fruição do texto literário como uma das atividades centrais na criação e manutenção do hábito e gosto pela leitura”, como nos ensina Cosson (2015). Nessa perspectiva, o autor dispõe de informações, baseadas em seus estudos, que demonstram que as crianças são atraídas pelas obras ilustradas, mas que não trazem essa atração de maneira igual para os textos aplicados, com uma conseqüente diminuição do número de leitores a partir dessa fase de transição das etapas escolares. (COSSON, 2015, p.165). Nesse sentido, como afirma Cosson, deve ocorrer uma “expansão da leitura ilustrada para todo o ensino fundamental” com finalidade de que o texto literário, incorporado ao polo da fruição e do prazer de ler da leitura ilustrada seja instrumento “como centro da formação do leitor”. (COSSON, 2015, p.165). Essa abordagem, de fato, poderá lograr êxito no que tange à intenção de que a criança permaneça atraída pelos textos literários.

Diante das ponderações de Rildo Cosson (2015) e dos demais autores citados neste tópico, encontramos-nos diante da possibilidade de construção e

permanência do sujeito como leitor literário autônomo e da escola como principal instituição responsável por essa consolidação. Juntamente com seu corpo docente, a escola deve se basear em abordagens de leitura literária que, de fato, formem leitores praticantes e autônomos, que encontrem, nessa prática, o gosto voluntário e permanente do texto. Que a escola, *locus* privilegiado, e muitas vezes único, saiba ser a instância de sensibilização para a leitura literária.

2.2.2 O professor como mediador

Cabe destacar, para iniciar as reflexões sobre o papel do professor na mediação e criação do gosto literário por parte da criança, que cabe ao docente uma função crucial nesse processo. Destaca-se, portanto, o papel do professor como mediador de leitura, tendo como objeto de ensino-aprendizagem seu próprio repertório como leitor. O que pode conduzi-lo ao bom êxito ou ao infeliz fracasso, dependendo do modo como instiga ou pratica a leitura literária com seus alunos. Para isso, vemos o valor que tem um professor que seja leitor literário, nos modos como nos orienta Cosson (2015), quando ele nos diz de pesquisadores que colocam em relevo esse importante papel:

[...] esse papel do mediador tem um pré-requisito fundamental que é ser o professor um leitor apaixonado e capaz, por meio de sua experiência de leitura, de contagiar os alunos com sua paixão e seu vasto repertório de leitura. Tal característica é fundamental para que a “leitura por obrigação” da escola seja efetivamente substituída pela “leitura para o prazer” da mediação. (COSSON, 2015, p.7).

Diante desse modelo de professor como conhecedor da causa literária, como possuidor de um repertório literário que seja capaz de servir de exemplo e motivação para seus alunos, apresenta-se uma das minhas preocupações como futura educadora que tem a missão de se formar e de formar leitores. Tendo reconhecido que ensinar o que se sabe pode ser muito mais contagiante e verdadeiro, o contrário se torna superficial e ineficaz. Assim, como abordam autores até já citados por este trabalho, a leitura literária deve ser apresentada na escola, principalmente, através da de uma excelente mediação dos professores, a fim de despertar o prazer pela leitura por parte dos alunos.

Detendo-se à temática do prazer de ler, Cosson, pondera que, “[...] do mesmo modo, o ensino da literatura não pode ser reduzido a uma simples leitura ilustrada, cujo único objetivo seja proporcionar o prazer de ler.” (COSSON, 2015, p.9). Acrescenta que também explorar o texto literário em suas diversas habilidades como conhecimento de mundo, relação das histórias com o cotidiano, acesso à cultura e diversidade, inserção do indivíduo no meio social sendo crítico e autônomo, são competências tão importantes quanto o ato de ler por fruição estética.

Nessa mesma perspectiva, Soares (2013) compreende que a mediação de leitura literária não depende somente do conhecimento que o professor tem sobre livros que mais tarde podem ser indicados aos seus alunos para que eles somente leiam. É preciso, segundo avalia, ir além na missão de formar leitores, proporcionando a criança uma compreensão das especificidades do texto literário para que o mesmo lhe traga sentido e não se transforme em uma relação abstrata, oposta ao que realmente o texto literário tem a oferecer. Por esse viés, chama-nos a atenção para a necessária exposição às narrativas diversas e outros gêneros em sala de aula, para a mobilização de textos que também circulem socialmente:

O professor é responsável pelo estímulo do aluno, assim, se o professor em sala de aula lê narrativas, poesias, músicas, entre outros textos, utiliza-se destas leituras para estimular seus alunos, dando-lhes oportunidade para desenvolver o gosto pela leitura, reconhecendo a função social da leitura e da escrita na sociedade em que vive. [...] (SOARES, 2013, p.11).

Em decorrência desses aspectos, reiteramos a importância de se ter professores mediadores de leitura que também sejam leitores. Profissionais que incentivem seus alunos a lerem sabendo dessa real importância, por meio de sua própria experiência com a leitura. Encontramos boas justificativas para essa necessidade em considerações feitas por Mortatti (2014), mais exatamente, sobre a importância de se formar leitor também no processo de formação do professor. Aos professores não leitores falta o essencial: a vivência da fruição estética. Sem isso, sequer podem saber a importância de lutar pela conquista, para si, do direito à literatura, antes de, com palavras vazias, tentar convencer seus alunos sobre a “importância da literatura” (MORTATTI, 2014, p. 40).

Além da necessária formação do professor como um leitor literário, faz-se também necessário que este profissional conheça e coloque em prática as estratégias ideais de trabalho e abordagem da literatura em sala de aula. Como já dissemos nos tópicos anteriores, muitas vezes o texto literário é apropriado para outros fins, sejam eles avaliativos, encerrados no ensino de gêneros ou ainda, prestando-se às finalidades de construção de valores morais. Formas essas de apropriação, avaliadas como negativas para fins de formação do gosto literário, como podemos perceber na seguinte avaliação:

Muitos professores sabem da importância que tem a literatura infantil para o aprendizado do aluno, mas muitas vezes acabam não utilizando de forma coerente em sua prática por falta de recursos, outros ainda acreditam que o texto literário deve ser utilizado para que a criança aprenda bons modos, o que é um grande engano, pois a literatura pode ser considerada uma fonte inesgotável de conhecimento, e possibilita que a criança seja capaz de fazer a leitura de mundo. (SOUZA, SANTOS e FERREIRA, 2018, p.2)

Prestando a estes fins, o texto literário tem sua função limitada e uma desconstrução de sentido. A construção de sentido ao ler um texto é de suma importância para que a criança vá criando um maior vínculo com a leitura, deixando que a mesma passe a ter um lugar significativo em sua vida, em que a mesma passe a fazer parte do seu cotidiano e o que não se fazer presente do seu mundo, encontre a função de oferecer a esse pequeno leitor uma visão ampla de mundo. Destacamos, com essas reflexões, a capacidade e discernimento do professor na seleção dos textos a serem lidos, além do modo de aborda-los em sala de aula. Portanto, para formar leitores não basta ser leitor e apreciador de bons livros. Faz-se necessário também ter um repertório de boas estratégias. Ou seja, saber ser um bom mediador de leitura literária:

A mediação da leitura literária, portanto, não deve ser reduzida ao sentido comum de animação, como uma atividade a ser desenvolvida apenas por meio da empatia entre um leitor iniciante e um leitor experiente, que não requer nada além do “amor” aos livros ou que não precisasse nenhuma formação específica. (COSSON, 2015, p 9.)

Pelos apontamentos realizados por Cosson, chega-se ao entendimento de que a prática de literatura na escola deve ser feita de maneira consciente por um bom professor mediador, que reinventa sua prática continuamente:

[...] professor que ao ser mediador ensina e ao ser professor media, desenvolvendo a competência literária de seus alunos dentro de uma comunidade de leitores que elabora, recria, debate, enfrenta, questiona, adota, refunde e inventa na sala de aula e na escola os modos de ser e estar no mundo.” (COSSON, 2015, p.10).

Assim, uma boa mediação deve ser pensada com o intuito de ir além das salas de aula, com a finalidade de construir uma aprendizagem significativa, que

possibilite uma aderência da criança ao texto literário: ao mesmo tempo que forma leitores, também o professor os sensibiliza para gosto o literário de modo contínuo, como apreciadores e praticantes da leitura literária.

2.2.3 A família e os pais como exemplo e referência

Segundo, Souza, Santos e Ferreira (2018), “[...] estamos em um momento muito complexo em que boa parte da sociedade vem deixando de lado a educação de seus filhos.” Desse modo, “[...] muitos alunos acabam não tendo interesse pela leitura, o que ocorre pela falta de estímulos quando pequenos”. Diante disso, os autores colocam a importância dos familiares na vida escolar dos filhos, uma vez que, “nota-se a importância do acompanhamento dos pais, do estar presente, e do contar histórias para seus filhos. Isso é fundamental para o desenvolvimento de toda criança, além de manter uma relação de proximidade com a família”. (SOUZA, SANTOS E FERREIRA, 2018, p.2).

Os autores avaliam que a família deve se imbuir da responsabilidade de educar seus filhos, de maneira que a literatura esteja presente. Isso se reveste de grande valor para as relações familiares, pois, ao mesmo tempo que conta/narra uma história, os pais se relacionam de modo mais próximo com os seus filhos, lhes apresentando o mundo e construindo conhecimentos junto com eles:

[...] é importante mencionarmos aqui o papel dos pais ou responsáveis, que devem dedicar pelo menos uma pequena parte do seu tempo para estar com seus filhos, e, ler para eles. Nesse caso a criança terá como primeira referência de leitor uma pessoa próxima, de sua família, fortalecendo os laços de família. Assim a criança já começa a despertar seu sensu crítico, pois ela pode questionar, dar opiniões e conhecer além daquilo que a mesma já sabe. [...] (SOUZA, SANTOS e FERREIRA, 2018, p.6)

Como veremos em alguns autores, a família como exemplo de leitura é a primeira e pode se constituir como a principal referência para a criação e consolidação do gosto literário. Com isso, a criança terá mais facilidade para desenvolver o gosto pela leitura, visto que essa prática já faz parte da sua vida familiar. Nesse caso, a criança atribui, naturalmente, sentido dessa prática em sua vida social. É o que nos orienta Santos (2017):

O leitor que teve contato com a leitura desde cedo dentro de sua casa é diferenciado ao saber reconhecer os signos com maior facilidade que um aluno que teve seu primeiro contato ao entrar na escola. A experiência adquirida pela leitura torna as pessoas mais conhecedoras do próprio mundo e faz com que tenham uma dele visão crítica. O papel da família na formação do leitor é pouco discutido, mas é preciso lembrar que os valores transmitidos pelas

famílias seguem por toda a vida e o mesmo pode acontecer com a leitura. [...].(SANTOS, 2017, p.9)

Isto posto, reiteramos o ideal e necessário contato com a literatura promovidos pelas famílias: pais e outros. E se essa não se evidencia como uma prática, cabe à escola diagnosticar e também mobilizar os pais para isso. Há uma infinidade de projetos literários que a escola pode desenvolver com as famílias, resgatando, por exemplo, histórias orais e fazendo com que a contação ou leitura de histórias também passe a fazer parte da rotina das famílias. Sabe-se que os adultos servem de espelho para as crianças – elas nos tomam desse modo – e que em fase de aprendizagem as crianças tendem a aprender reproduzindo o que fazem os pais e responsáveis. Diante disso, podemos depreender que quando as crianças veem os adultos a sua volta lendo, elas queiram reproduzir esse ato.

Os benefícios de um ambiente familiar rico em eventos de letramento resultam em maior sucesso no desenvolvimento inicial da leitura e, conseqüentemente, maior sucesso nas primeiras séries escolares (Clark, 1976; Wells, 1985, 1986, Apud SOARES, 2013, p. 9.). A família se constitui, portanto, como peça fundamental para formação inicial da criança em sua vida leitora. Sabemos, no entanto, que a realidade nos mostra que nem todas as crianças possuem estímulo em casa. O que não deve ser avaliado como um ato voluntário da família, pois o que ocorre é que as famílias, por sua vez, também não são praticantes da leitura literária, visto que não receberam uma formação para isso, que não tiveram oportunidades para essa formação. Ou seja, não se trata de um deliberado, de um desinteresse. Mais uma vez, destacamos a necessidade da avaliação atenta do professor e da escola, de modo e envolver e tomar a família também como agente dessa formação:

Para as docentes, os alunos que são bem acompanhados pela família são os mesmos que dão resultados mais rápidos e satisfatórios, porém os que não possuem acompanhamento em casa, e assim, não possuem interesse, são mais difíceis em estimular a ler os livros. Mesmo que a criança e seus pais não saibam ler, ela ainda participa das atividades de leitura que são feitas no lar, como a Sacola Literária e a Ciranda de Livros. A esperança é de que elas consigam “juntar” as palavras aos poucos, ou procurem interpretar as imagens. Quando a família não consegue ou não ajuda a criança, ela se sente desmotivada em levar o livro para casa. (SALES E LEÃO, 2018, p.140)

Devemos acrescentar, a partir do acima exposto, que as crianças que recebem incentivo e acompanhamento em casa possuem melhores resultados na escola do que aquelas que não recebem apoio familiar na forma de uma leitura compartilhada, ou quando a família não se mostra como exemplo nas práticas de leitura. O que faz com que os professores encontrem maiores obstáculos ao tentar despertar o interesse dessa criança para a leitura, visto que há uma desmotivação quando essa criança não atribuiu sentido a algo que não faz parte da sua vida familiar e social. Ou seja, conforme nos orientam Sales e Leão, 2018, não há uma cultura literária em casa que sirva como referencial:

Aspectos sociais, familiares e escolares são colocados em questão no presente relato, como o fato da socialização da criança influenciar na construção do hábito da leitura, e assim, o desenvolvimento de uma cultura literária. Além da escola, o ambiente íntimo do lar é visto como essencial no processo de ensino e aprendizado das crianças, pois elas esperam a transmissão e, por conseguinte, a aprovação dos adultos nas suas práticas culturais. (SALES e LEÃO, 2018, p.131)

Ficou evidente neste tópico o papel que a família exerce ou deve exercer para formação de crianças leitoras, evidenciando como primeiro e principal espaço, e exemplo, para que a criança se sensibilize para a leitura literária. Pais que leem, seja individualmente, ou para seus filhos, são exemplos nos quais as crianças se miram e gostam de reproduzir. O que nem sempre é verdade, como foi dito, para grande parte das famílias brasileiras; que não tiveram ocasião e possibilidades para desenvolver essa prática, deixando, dessa forma, para os professores, “[...] uma grande responsabilidade, principalmente no que se refere a construção do hábito da leitura dos alunos. (SOUZA, SANTOS e FERREIRA, 2018, p.4). O que mais uma vez, nos faz reforçar o papel atento que deve ter o professor, e a escola, no sentido de envolver a família, por meio de projetos, em práticas de leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo central compreender quais fatores interferem na formação do gosto literário das crianças, destacando o papel da família e do professor, sobretudo o docente do ensino fundamental I. Procuramos destacar os sujeitos e espaços de formação desse gosto, bem como as principais estratégias de sensibilização para a literatura. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, baseada na metodologia de revisão literária. Como fontes de pesquisa, nos apoiamos, sobretudo, em artigos científicos, disponíveis online, fator que facilitou a consulta e produção do trabalho. Esses artigos encontram-se disponíveis no Google Acadêmico, na base Scielo, entre outras.

Reconhecendo, por meio dos trabalhos consultados, a importância que a literatura tem na vida do sujeito, desde sua infância e ao longo da vida, procuramos evidenciar que o percurso como leitor e as experiências com a literatura (dentro e fora da escola) interferem, significativamente, no gosto literário dos alunos. Desse modo, tornou-se pertinente uma análise que expusesse e especificasse os fatores que influenciam na formação do gosto literário das crianças. Nesse sentido, fez-se necessário problematizar a quem compete a missão de formar leitores, tendo em mente que a literatura não é algo parte do sujeito, de modo inerente, e que, portanto precisa ser-lhe apresentada com o objetivo de despertar o interesse para os textos literários. Com esse fim, o sujeito passará a desenvolver a prática de leitura de modo autônomo e terá, de fato, desenvolvido o gosto pela literatura.

Procuramos destacar os espaços e sujeitos envolvidos no ato da formação para o gosto literário. No que foi possível encontrar trabalhos que problematizaram o papel do professor, da escola e da família na tarefa de formar crianças leitoras. Quanto ao papel do professor, coube evidenciar que a formação inicial e continuada desse profissional se mostra como fator preponderante para que esse desempenhe o papel de bom mediador de leitura literária. Que esse papel só será bem desempenhado se o docente também se preocupar com seu repertório de leitura literária, se ele também for um leitor que sirva de exemplo para seus alunos. Se isso não estiver dado, faz-se necessário que o professor busque por essa formação de modo contínuo. Além disso, esse profissional deve ser conhecedor das boas escolhas de livros para seus alunos, e das abordagens e metodologias para o trabalho com o texto literário em sala. De modo que a fruição do texto faça parte das

práticas de leitura, como também outras possibilidades de formação por meio do texto; como o aumento do repertório da criança e de seu conhecimento de mundo.

Quanto à família, buscamos destacar seu papel como instância de exemplo para a que a criança seja leitora. A família que cultiva e tem o capital da cultura literária fornece esse exemplo para as crianças, quando praticam a leitura em casa. E que a ausência dessa motivação para as crianças não deve ser percebido como um ato deliberado por parte das famílias, visto que essas podem não ter tido oportunidade de acesso à cultura literária. Cabendo, portanto, à escola e ao professor, o recurso à estratégias que tragam a família, por meio de projetos literários para a escola e que ela, a família, também passe a ser formada pela escola. De modo que possa construir esse ambiente em casa.

Ressaltou-se o papel da escola, muitas vezes como único espaço no qual grande parte das crianças brasileiras terão acesso às práticas de leitura literária. Nesse sentido, variadas estratégias devem ser postas em prática para que as crianças tenham as melhores experiências possíveis com a leitura literária e se tornem, de fato, leitores voluntários desse tipo de leitura, visto que se trata de uma ação não natural e, sim, a ser construída.

Gostaria de finalizar, destacando os principais aprendizados que se tornaram possíveis com a escrita deste trabalho, pautando-me, principalmente, nos ensinamentos de Antonio Candido sobre o direito à literatura. Avalio que esse se evidencia como um direito que me foi negado, visto que, conforme coloquei no início e ao longo deste trabalho, minha experiência com a leitura literária não esteve presente nem em meu ambiente familiar, nem em meu percurso escolar. Salvo em algumas passagens, como apresentei. Mas que, de fato, não foi significativo, uma vez que não me considero leitora literária de modo voluntário e autônomo. Serviu-me de grande alerta para que eu não passe para os meus alunos essa falta de repertório, mas que, antes, eu busque por ele, por meio de diversas e muitas leituras que ainda quero fazer. Ou seja, esse trabalho serviu para reflexão sobre minha própria formação como leitora e como futura professora. Se o direito à leitura me foi negado – não de modo deliberado, eu sei – não quero que o mesmo ocorra com meus alunos. Não pretendo que, de minha parte, eles tenham essa experiência mutilada. O que vai me exigir um longo investimento em minha formação continuada. O primeiro passo para isso já foi dado: a escrita dessa monografia.

5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

DE SOUZA SOARES, Francilene. IMPORTÂNCIA DAS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NOS ANOS INICIAIS. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br/jspui/bitstream/10869/5274/5/Francilene%20de%20Souza%20Soares.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019

DE SOUZA, Jossimara; SANTOS, Joelma de Jesus Oliveira; FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A FORMAÇÃO SOCIAL DO ALUNO. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/175/101>. Acesso em: 13 maio 2019

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 1989. 87 p.
GONÇALVES, Elaine Cristina Marcon. LITERATURA NOS LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL. Disponível em: <http://189.16.45.2/CONGRESSO/PEDAGOGIA/congresso2016/29.pdf>. Acesso em: 13 maio 2019

JERÔNIMO, Sonali Duarte; DUARTE, Fabíola Jerônimo. O CONTO NA SALA DE AULA: DESPERTANDO O HÁBITO DA LEITURA E FAZENDO O LETRAMENTO LITERÁRIO. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlije/trabalhos/TRABALHO_EV063_MD4_SA2_ID753_25072016084914.pdf. Acesso em: 13 maio 2019

MORTATI MAGNANI, Maria do Rosário. *Leitura, literatura e escola*: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Na história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI. **Educar em revista**, n. 52, p. 23-43, 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=155031152003>. Acesso em: 18 maio 2019

MOTA, Rildo José Cosson. A PRÁTICA DA LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: MEDIAÇÃO OU ENSINO?. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 26, n. 3, p. 161-173, 2015. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3735>. Acesso em: 13 maio 2019

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de; BORTOLACI, Natália. A LITERATURA E A FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I: EXPERIÊNCIA NA ESCOLA DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Literatura em Debate**, v. 11, n. 21, p. 99-113, 2017. Disponível em:

<http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/view/2568>. Acesso em: 13 maio 2019

PEREIRA, Maria Suely. A importância da literatura infantil nas séries iniciais. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, v. 6, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/283>. Acesso em: 18 maio 2019

PINA, Patrícia Kátia da Costa. A criança, o livro e a formação do gosto pela leitura literária. **Semioses**, v. 3, n. 2, p. 87-96, 2016. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses/article/view/949/605>. Acesso em: 11 nov. 2018

SALES, Ana Cíntia Moreira; LEÃO, Andréa Borges. UM ESTUDO SOCIOLÓGICO SOBRE AS PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA. **Revista Idealogando**, v. 2, n. 1, p. 5-17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/idealogando/article/viewFile/236856/Sales%26Leao>. Acesso em: 18 maio 2019

SANTOS, Daniele da Costa Leão; PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes. Literatura Infantil E A Formação Do Professor Formador De Leitores. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v26i3.3735>. Acesso em: 18 maio 2019

SANTOS, Layslla Gabryelle Cristyna Souza. A importância da literatura infantil na formação de novos leitores. 2017. Disponível em: <http://repositorio.fucamp.com.br/handle/FUCAMP/230>. Acesso em: 18 maio 2019

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (Orgs.). A escolarização a leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.